

UM RETRATO DA MIGRAÇÃO DE FALANTES DE ÁRABE PARA FOZ DO IGUAÇU: HISTÓRIA E INTEGRAÇÃO À SOCIEDADE LOCAL

A PORTRAIT OF THE MIGRATION OF ARABIC SPEAKERS TO FOZ DO IGUAÇU: HISTORY AND INTEGRATION TO LOCAL SOCIETY

Samira Abdel Jalil¹

Endereço Profissional: Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila) - Av. Tarquínio Joslin dos Santos, 1000 - Lot. Universitario das Américas
Cep. 85870-650
Foz do Iguaçu - PR, Brasil
E-mail: samira.jalil@unila.edu.br

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar um recorte sócio-histórico da migração de falantes de árabe para a cidade de Foz do Iguaçu a partir das representações sobre o movimento diaspórico expressas nas narrativas de quatro brasileiros natos, residentes na cidade, e que pelo menos um de seus progenitores era oriundo de país de língua árabe. Para atingir esse objetivo, descrevem-se, de maneira articulada, fatos históricos e trechos das narrativas dos participantes, com vistas a demonstrar as subjetividades acerca do movimento migratório e do processo de reterritorialização de suas famílias.

Palavras-chave: Língua árabe; Foz do Iguaçu; Narrativas; Migração.

Abstract: This paper aims to present a socio-historical account of the migration of Arabic speakers to the city of Foz do Iguaçu, based on the representation of the diasporic movement demonstrated on the narratives of four Brazilian-born citizens living in town with at least one parent coming from an Arabic-speaking country. In order to reach this goal, this study depicts, in an articulated manner, historical facts along with extracts of the participants' narratives, so to display the subjectivities of their families' migration movement and reterritorialization process.

Keywords: Arabic language; Foz do Iguaçu; Narratives; Migration.

¹ Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Possui Graduação em Letras pela Universidade Federal do Paraná, Especialização em Administração com foco em Gestão em Psicologia Organizacional pela Unifae, Mestrado em Linguística Aplicada (TESOL) pela Queens College, e Doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Atualmente, é professora da Universidade Federal de Integração Latino-Americana (Unila). Participa do Grupo de Pesquisa CNPq Centro de Estudos Sócio-Políticos e Internacionais da América do Sul (CESPI-América do Sul), da Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

Considerando que as migrações são processos situados sociohistoricamente, o estudo dos deslocamentos transnacionais deve englobar as particularidades de cada contexto, com vistas a contribuir com uma compreensão ampliada da realidade vivida pela comunidade em questão. Tendo isso em mente, o objetivo deste artigo é analisar as representações acerca do movimento migratório expressas por indivíduos oriundos de países de língua árabe para a cidade de Foz do Iguaçu, bem como sua integração à nova sociedade na reterritorialização. O texto aqui apresentado foi tecido a partir de uma descrição do contexto de migração, em que situo sociohistoricamente o grupo de migrantes em questão, e de excertos das narrativas de quatro dos dez participantes da pesquisa. Como critério de seleção para participação no estudo, esses indivíduos deviam ser brasileiros natos ou naturalizados e residentes em Foz do Iguaçu; ter vínculo familiar direto com algum país de fala árabe através de pelo menos um de seus progenitores; e usar pelo menos uma das modalidades (falada ou escrita) da língua árabe. Diferenças entre participantes, em termos de religião ou nacionalidade, não foram levadas em conta por não serem relevantes para este recorte da pesquisa.

O conceito de representação, aqui compreendido sob a perspectiva da abordagem socioconstrutivista dos Estudos Culturais, compõe o processo de produção de sentidos a partir da linguagem, culturalmente determinadas no processo de significação, que é de cunho social, impregnado de subjetividades, pois “as coisas não significam: nós construímos o sentido usando sistemas representacionais” como parte da construção do significado nas práticas de uso da língua². Os atores sociais usam seus sistemas de representação para construir significados pelo discurso, sendo assim a representação é uma prática que depende particularmente do domínio simbólico no processo de construção do significado, pautado na relação com o Outro. Destarte, essa abordagem reconhece tanto a função social da linguagem quanto a produção simbólica de sentidos dentro do discurso, reforçando a subjetividade do processo de significação.

A opção pelo uso das narrativas, subjetivas em si mesmas, e não somente pela mera descrição de aspectos histórico-sociais, se dá porque elas são ‘instrumentos’ políticos poderosos por meio dos quais os discursos de grupos minoritarizados³, cujas histórias de

² HALL, S. *Cultural representations and signifying practices*. Londres: Sage, 1997.

³ Darei preferência ao termo minoritarizado, ao invés de minoritário, pois considero os termos “majoritário” e “minoritário” um tanto quanto questionáveis, na esteira do que argumentam vários pesquisadores, como, por exemplo, Cavalcanti (1999, 2006), para demonstrar relações de poder e/ou privilégios, e não referir, necessariamente, ao número de pessoas que compõem determinado grupo social. Cf. CAVALCANTI, M. C. Estudos sobre educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil. *DELTA*, São Paulo, v. 15, n. especial, p. 385-417, 1999.

vida são, quase sempre, apagadas, ou, na melhor das hipóteses, são mostradas de forma parcial considerando os interesses de grupos dominantes, podem ganhar voz e visibilidade. Além do mais, as narrativas podem trazer à luz uma melhor compreensão empírica da realidade vivida por membros de diferentes grupos sociais⁴⁵, e elas são centrais na construção e na reconstrução de quem somos e de nossa história, já que ao contá-las, estamos descrevendo ou indicando quem somos, nossos grupos de pertencimento, nossas práticas interacionais; enfim, nosso lugar no mundo social.

Um pouco de História e histórias

Apesar de a cidade de Foz do Iguaçu ter sido fundada em 1914, foi somente no início dos anos 1950 que ela passou a integrar a rota de acolhimento da diáspora de falantes de árabe, com a vinda do senhor Ibrahim Mohamad Barakat, em 1951 – o primeiro de que se tem registro⁶.

Naquele momento, o Brasil já estava em seu segundo ciclo de acolhimento de migrantes oriundos do Oriente Médio (1945-1985), que deixavam a região devido à pobreza geral decorrente do período de reconstrução pós-Segunda Guerra Mundial, e também à instabilidade política ocasionada pela criação do Estado de Israel em 1948 e subsequentes conflitos relacionados. Tais fatores foram cruciais no deslocamento transnacional das famílias pioneiras de migrantes falantes de árabe para Foz do Iguaçu. Bárbara⁷, 47 anos, brasileira nata, filha de libaneses, foi uma das participantes da pesquisa que relatou tal situação. Seu pai deixou o Líbano em 1957/1958 e se estabeleceu em Foz do Iguaçu. Observemos como Bárbara retrata esse momento da vida de seu pai:

Bárbara: A maioria dos que migraram para cá vieram fugidos da guerra, como meu pai, aos quinze anos. Minha avó disse que preferia vê-lo vivo longe dela do que morto por ter lutado em uma guerra.

⁴ THREADGOLD, T. *Performing theories of narrative: theorising narrative performance*. In: THORNBORROW, J.; COATES, J. (Eds.) *The sociolinguistics of narrative*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, p. 261-278.

⁵ NIC CRAITH, M. N. *Narratives of Place, Belonging and Language – an Intercultural Perspective*. Hampshire, UK: Palgrave MacMillan, 2012.

⁶ LIMA, P. *Foz do Iguaçu e sua história*. Curitiba: Serzegraf, 2001.

⁷ Os nomes foram substituídos para preservar a identidade dos participantes da pesquisa.

Bárbara, ao retratar a realidade da migração de seu pai, representa a necessidade forçada de deslocamento dele, associando o movimento diaspórico com uma fuga da situação de guerra e consequente sofrimento para a avó (que preferia tê-lo distante, mas vivo) – sofrimento este que ainda está presente em suas memórias ao descrever esse momento da vida de sua família. A vida, o bem maior de qualquer indivíduo, deveria ser preservada a qualquer custo, assim como a continuidade da família pelo seu primogênito.

É interessante notar que os homens jovens são aqueles que acabam tendo que fazer o primeiro movimento de emigração da família, uma vez que poderiam ser obrigados a servir o exército de seu país quando em situação de guerra. Aos quinze anos, o pai de Bárbara não teria muita escapatória do serviço militar e, ao invés de ser um combatente em um campo de batalha *per se*, ele optou por ser um “combatente pela própria vida” em outro país.

Outro ponto a ser ressaltado refere-se ao espaço dominante da migração na primeira fase da vinda de falantes de árabe para Foz do Iguaçu. Naquele momento, o mais comum era a vinda de homens sozinhos, casados ou não, diferentemente de hoje, em que há uma grande presença de mulheres e crianças, sendo que estas últimas representam aproximadamente a metade do número de migrantes refugiados em todo o mundo, de acordo com uma estimativa feita pela Agência da ONU para Refugiados⁸.

Sendo o “mundo árabe”⁹ de sociedade notoriamente patriarcal, o sustento da família deveria ser provido pelo homem, chefe de família, e mesmo rapazes jovens, como o pai de Bárbara, acabavam assumindo o papel de protagonista da história familiar de migração. Nesse sentido, exalta-se a representação da figura masculina como um jovem resiliente e lutador pela existência da família; mas é importante notar que o que marca esse trecho da narrativa é que o impulso para o deslocamento do primogênito foi proveniente, paradoxalmente, do posicionamento de uma mulher, de função aparentemente submissa e secundarizada para os padrões patriarcais mundiais.

⁸ ACNUR. *Crianças representam cerca de metade do número de refugiados do mundo*. 12 out. 2020. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2020/10/12/criancas-representam-cerca-de-metade-do-numero-de-refugiados-do-mundo/>. Acesso em: 24 nov. 2020.

⁹ Esclareço que, neste caso, fiz uso do termo *árabe* entre aspas para referir, genericamente, a membros de comunidade de migrantes de diferentes países de fala árabe, já que, como apontado por Osman (2011, p. 24) e Silva (2018), tais comunidades são compostas por indivíduos de diferentes nacionalidades, isto é, por sujeitos árabes egípcios, iraquianos, jordanianos, libaneses, palestinos, sauditas, sírios, etc. e/ou por seus descendentes. Fiz essa opção já que o termo “árabe” é comumente utilizado na sociedade e, algumas vezes, na própria literatura especializada para, equivocadamente, fazer referência a indivíduos oriundos de diferentes países de língua árabe no Oriente Médio.

Ao chegarem em Foz do Iguaçu, os primeiros migrantes falantes de árabe encontraram a cidade em meio ao seu primeiro de três grandes ciclos econômicos locais, conforme descrito por Paes (2004)¹⁰. O primeiro grande ciclo econômico (1940-1969) foi marcado pela exploração do potencial turístico da cidade. As Cataratas do Iguaçu, consideradas hoje uma das Sete Novas Maravilhas do Mundo, atraíram investimentos para dar acesso e suporte às atividades relacionadas ao turismo. Foram construídas (e reformadas as já existentes) estradas de acesso à região, o primeiro aeroporto local, e as pontes que conectam os países dessa Tríplice Fronteira (Brasil, Argentina e Paraguai). Esse também foi o momento de início da industrialização da cidade, na década de 1950, com as primeiras madeireiras, olarias e alambiques.

Além da fuga da situação de guerra, já citada, outro fator preponderante para o empreendimento migratório é a busca de melhores condições de vida daquelas encontradas no país de origem, caracterizando migrações desse tipo como de origem econômica. Sem a tutela do governo brasileiro e sem capital, muitos dos indivíduos oriundos de países de língua árabe traçaram o percurso típico da trajetória de migrantes: um misto de dedicação e sacrifício em meio à sua reterritorialização. Sem a obrigação de trabalharem nas lavouras, como japoneses e alemães, os falantes de árabe seguiram o caminho do comércio, como caixeiros-viajantes ou mascates¹¹¹². Segundo Lima¹³, os primeiros mascates vieram “com suas malas, expondo suas mercadorias nas varandas das casas da cidade (...). Essas malas seriam o prenúncio das grandes lojas que viriam mais tarde”.

A figura do caixeiro-viajante – símbolo de maior referencial do estabelecimento dos falantes de árabe no Brasil – teve papel de destaque no relato de Juliano (39 anos, brasileiro nato, filho de pais libaneses). Ele posiciona seu pai, que iniciou sua jornada no Brasil como mascate, como um homem dedicado e que trabalhou com afinco em sua nova morada. Juliano construiu uma imagem de seu pai à luz do homem árabe de postura combatente, batalhador, resiliente e comprometido com seu objetivo quando optou pela migração: poder proporcionar a si mesmo e à sua família algo melhor, apesar do sacrifício da caminhada de qualquer migrante que está tentando reconstruir sua vida em outro país. E foi assim que Juliano narrou a história de vida de seu pai:

¹⁰ PAES, M. L. N. *A paisagem emoldurada: do Éden imaginado à razão do Mercado – um estudo sobre os Parques Nacionais do vulcão Poás, na Costa Rica, e do Iguaçu, no Brasil*. 2004. 307 f. Tese (Doutorado em Estudos Comparados sobre as Américas). Universidade de Brasília (UnB), 2004.

¹¹ O mascate, ou caixeiro-viajante, era o responsável pelo transporte e venda de mercadorias em regiões de difícil acesso e geralmente afastadas dos grandes centros.

¹² OSMAN, S. A. *Imigração árabe no Brasil: histórias de vida de libaneses muçulmanos e cristãos*. São Paulo: Xamã, 2011.

¹³ LIMA, P. *Foz do Iguaçu e sua história*. Curitiba: Serzegraf, 2001.

Juliano: Aos quinze anos, meu pai e um pessoal de sua cidade no Líbano viram para cá de navio. Com malonas pesadas, iam de casa em casa tentando vender seus produtos. Mascatearam por um longo período, até a situação financeira melhorar e abrir uma loja. Foram histórias muito parecidas aquelas vividas pelo pessoal daquela época.

Em Foz do Iguaçu, o trabalho do mascate representou a contribuição com a interiorização e o desenvolvimento do país, a partir do escoamento de mercadorias e do atendimento a um potencial mercado consumidor interiorano em expansão. A retribuição, por parte do migrante, adveio da contribuição com o desenvolvimento econômico local da cidade, seja pelo giro da economia local, seja pela criação de economias de escala e crédito – daí a expressão “turcos de prestação”, para caracterizá-los. Portanto, pode-se afirmar que a figura do mascate foi fundamental no estabelecimento dos migrantes falantes de árabe no Brasil como um todo, assim como na sua integração econômica à sociedade de acolhida. Lesser (2001, p. 98)¹⁴ definiu o mascate como o “protótipo da integração econômica dos árabes no Brasil” – uma representação coletiva e um fator de unificação da comunidade. Inclusive, vale ressaltar que a imagem do “árabe comerciante” é reforçada localmente em Foz do Iguaçu pelo entorno da comunidade de falantes de árabe:

Atribuir às atividades comerciais as motivações para o deslocamento parece ser reconhecido como um dos grandes impulsos integradores que unificam a ‘ilusão’ da imigração frente aos moradores da cidade, pois identificam a comunidade de grupos árabes como comerciantes.¹⁵

Apesar das dificuldades do desbravamento de áreas pouco povoadas, essa experiência, primeiramente árdua, se mostrou recompensadora para aqueles que se aventuraram em busca de melhores condições para si mesmos e para suas famílias no Oriente Médio, já que, como já foi mencionado, no período inicial do empreendimento migratório, era comum os patriarcas da família e/ou seus primogênitos virem sozinhos, trabalharem e enviarem dinheiro para as famílias que ficaram no país de origem. As famílias, geralmente, eram trazidas, se o fossem, quando o mascate estivesse mais bem estabelecido, o que têm valor inestimável para esse grupo de migrantes, seja “enquanto incentivo

¹⁴ LESSER, J. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: EdUnesp, 2001.

¹⁵ SILVA, R. C. M. Reordenação de identidades de imigrantes árabes em Foz do Iguaçu. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 47, n. 2, p. 357-373, jul./dez., 2008.

proporcionado pelos que partiram antes; enquanto suporte para os que partiam depois; enquanto elo mantido pelos que permaneceram”¹⁶.

O envio de dinheiro para o país de origem era algo tão significativo que assumia um duplo sentido para esse grupo de migrantes: por um lado, sentiam-se realizados por cumprir suas obrigações familiares e, conseqüentemente, ganhar visibilidade e prestígio em suas aldeias de origem; por outro, viam-se capazes de suprir também suas próprias necessidades materiais e financeiras. Assim, o mascate projeta uma imagem positiva, tanto para a sociedade que os recebeu, em termos de ética e de trabalho, assim como para o país originário, tornando-se uma referência de valorização do cuidado com a família, valor fundamental nos países de língua árabe.

Seguindo com a temática da família e seu processo de reterritorialização, Sofia (28 anos, brasileira nata, filha de pais libaneses) reporta sua história familiar nos trazendo informações sobre o que muitas vezes acontecia na sequência à chegada e estabelecimento do migrante avulso no país. Observe:

Sofia: A história do meu pai é um pouco triste, como a de muitos. Abriu uma lojinha com poucas mercadorias. Um dia, ele viajou e sofreu um acidente de carro, em que os outros quatro passageiros morreram e ele quase perdeu a pernas. Ele foi para São Paulo para ser cuidado na casa do tio dele, meu avô. Lá ele conheceu minha mãe, se apaixonaram e casaram. Ele ficou trabalhando um tempo em São Paulo, mas não deu certo e se mudou para Foz, para trabalhar no Paraguai.

Muitos dos migrantes que vieram no primeiro século da migração de falantes de árabe para o Brasil, numa tentativa de manter o vínculo com a cultura de origem, optavam por: (1) casar com parentes ou membros da comunidade de falantes de árabe no Brasil; (2) trazer suas noivas do país de origem (tendo-as conhecido previamente ou não) para casar no Brasil; (3) ir ao país de origem para conhecer e casar com moças de lá. Nota-se que esse movimento parece ser mais comum dentre aqueles que professam a fé islâmica, independentemente da vertente do islamismo que seguem. Um significado possível para essa escolha pode ser traduzido como o cumprimento das responsabilidades perante o grupo (esperasse desses homens que constituam sua própria família tradicional) e a preservação das tradições de origem no país da acolhida.

Sofia segue seu relato indicando a mudança para Foz como um momento de reconstrução familiar, que culminaria com o sucesso da migração de seu pai para o Brasil ao trazer os outros irmãos. Observe:

¹⁶ OSMAN, S. A. *Imigração árabe no Brasil: histórias de vida de libaneses muçulmanos e cristãos*. São Paulo: Xamã, 2011.

Sofia: A passagem do meu avô paterno por aqui não foi muito bem-sucedida profissionalmente. Aos 17 anos, meu pai veio para o Brasil e assumiu os negócios da família. Quando estabilizou, trouxe os outros irmãos dele: dois tios e duas tias, mas elas não foram bem-sucedidas no casamento – uma é viúva e a outra, separada.

Em meio à descrição desse momento, Sofia posiciona seu pai, o primogênito, como o novo patriarca da família. O migrante sozinho, solitário, e sofredor passou a ser posicionado como o comandante do empreendimento migratório familiar, retratando, assim, os outros, como seus dependentes, e reproduzindo a estrutura familiar de origem e as funções de cada um nessa rede.

Sofia: Meu pai era o Pai de Todos

Ainda sobre a narrativa de Sofia, gostaria de fazer mais dois apontamentos. Um se refere à avaliação do processo migratório de membros da família de Sofia como bem ou mal-sucedidos a partir do bom andamento dos negócios no país de acolhida – isso no que concerne a vinda dos homens de sua família. As referências de sucesso (ou não) aparecem marcadas em seu discurso quando Sofia posiciona e representa seus avôs e pai como bem ou mal-sucedidos no empreendimento migratório nos trechos anteriormente citados, por exemplo. Outro ponto é a distinção de sucesso na migração entre homens e mulheres. Enquanto os homens eram considerados bem-sucedidos se seus negócios prosperassem, de acordo com a participante desta pesquisa, as mulheres eram consideradas bem-sucedidas a partir do êxito de seus casamentos. Vale ressaltar que a secundarização da mulher não é “privilegio” desse grupo específico, mas o reflexo da sociedade patriarcal em que vivemos em todos os cantos do planeta.

Como já foi mencionado, a imagem de comerciante é apenas um dos marcadores das construções identitárias pelas quais os migrantes oriundos de países de língua árabe são reconhecidos. As redes de contato estabelecidas desde o início foram responsáveis pela vinda de inúmeros outros migrantes, tanto dos países de origem, quanto daqueles que já se encontravam no Brasil e buscavam um novo local para viver e trabalhar. No caso de Juliano, a vinda de seu pai foi acompanhada por uma rede de apoio de conterrâneos do país de origem; no caso de Sofia, por uma rede familiar.

Considerando que muitos desses novos residentes de Foz buscavam preservar suas práticas culturais e discursivas, as redes de contato foram a base para as interações sociais entre membros da comunidade entre si e com seu entorno, bem como a criação de espaços

para as práticas de uso da língua árabe na comunidade. No primeiro grande ciclo econômico da cidade de Foz do Iguaçu, foi fundado o Clube União Árabe, em 1962. Inicialmente lotado no centro da cidade, depois passou a ter sede própria na rodovia que dá acesso às Cataratas. O Clube União Árabe, além de ser um espaço de passatempo e lazer, com sua piscina, quadras de esporte, e ampla área verde, serve também como local de realização de eventos da comunidade. A seguir, apresento uma placa indicativa da localização do Clube, bem como a fachada de entrada, ambas com escrita em árabe.

Figura 1: Placa indicativa do Clube União Árabe, 2009.¹⁷



Fonte: A Autora

Figura 2: Entrada do Clube União Árabe, 2009.¹⁸



Fonte: A Autora

A década de 1970 marca o segundo grande ciclo econômico regional, durante o qual se deu o planejamento e a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu. A Itaipu Binacional

¹⁷Tradução: “Clube União Árabe”.

¹⁸ Tradução: “Clube União Árabe”.

mudou completamente o quadro urbano de Foz do Iguaçu, não só pelo *boom* populacional, mas também pelo imenso investimento na infraestrutura local. A população iguaçuense quadruplicou entre 1960 e 1980, indo de 28.080 a 136.620 habitantes (PMFI, 2010, 2011)¹⁹. Vale ressaltar que, à época, 40% da população era de pessoas envolvidas ou relacionadas à construção da Itaipu.

As décadas de 1970 e 1980 viram Foz do Iguaçu se tornar uma cidade de fácil acesso, em que o comércio era próspero e convidativo para o estabelecimento de migrantes oriundos de países árabes e/ou seus descendentes que já se encontravam no Brasil. Dentre os fatores que contribuíram para a vinda dessas migrantes no segundo ciclo, destacaram-se o agravamento da crise política entre Palestina e Israel, e as constantes batalhas travadas em solos palestino e libanês. Seguindo o perfil do período anterior, percebe-se a vinda de migrantes muçulmanos com baixa qualificação profissional e em busca de um acúmulo rápido de dinheiro.

Muitos dos que se deslocaram para o Brasil, forçados pelas circunstâncias políticas e econômicas de seus países, acreditavam na provisoriedade do processo migratório e exprimiam o desejo de retorno a sua terra natal. Observe a fala de Sabrina, brasileira de 21 anos, filha de libaneses.

Sabrina: Meus pais vieram para Foz dizendo que viriam para o Brasil para juntar o dinheiro e retornar posteriormente ao Líbano. Falaram tanto em voltar, e 25 anos depois, ainda estamos aqui. A gente não deveria ter pensado tanto em voltar, e sim, em ficar.

O desejo de retorno, intrínseco ao movimento migratório de muitos grupos de migrantes, fez parte da construção da história desta família e de muitas outras famílias de imigrantes falantes de árabe no Brasil. Porém, pode-se afirmar que a questão do retorno é um processo mais complexo do que uma simples sair de um país para outro e depois retornar para a origem, e pode envolver aspectos como tempo, família, comunidade, distância, economia²¹. Segundo Osman²²:

O mito do retorno sustenta-se na ideia de que a migração é um ato provisório e o retorno propriamente é tido como fato garantido, ainda que esse fato não

¹⁹ PREFEITURA Municipal de Foz do Iguaçu – PMFI. *Sobre a Cidade*. [2010]. Disponível em: <<http://www.fozdoiguacu.pr.gov.br>>. Acesso em: 30 jun. 2010.

²⁰ PREFEITURA Municipal de Foz do Iguaçu – PMFI. *Dados Socioeconômicos de Foz do Iguaçu*. [2011]. Disponível em: <<http://www.fozdoiguacu.pr.gov.br/ArquivosDB?idMidia=62501>>. Acesso em: 28 mar. 2012.

²¹ Para aprofundamento sobre a tipologia de migração de retorno, conferir Osman, 2006.

²² OSMAN, S. A. *Entre o Líbano e o Brasil: dinâmica migratória e história oral de vida*. 2006. 555 f. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo (USP), 2006.

se concretize. Portanto, o retorno existe tanto no seu sentido real e concreto daqueles que efetivam a empreitada, como daqueles que nunca concretizaram esse ato, embora continuem afirmando esse desejo, na mais pura concepção de que o retorno também pode se constituir num mito.

Apesar do desejo de retorno, para esta família prevaleceu o medo de vivenciar novamente a instabilidade política no Líbano e os recorrentes conflitos bélicos no Oriente Médio.

Um fator comum e unânime nas narrativas dos participantes desta pesquisa foi a representação positiva de Brasil e a gratidão pelo acolhimento recebido em solo brasileiro; em particular, em Foz do Iguaçu. Aqui, os primeiros migrantes e suas famílias encontraram um solo fértil para o trabalho e o sustento familiar, bem como uma estrutura para que pudessem seguir com suas práticas religiosas, sejam elas de fé cristã ou muçulmana, nesse caso. Sabrina, que é de família muçulmana, também segue a religião familiar e, por escolha própria, usa o véu. Ela informou que a possibilidade de manutenção das tradições religiosas e culturais da família teve peso na opção deles por permanecer em Foz do Iguaçu. Sabrina posiciona seus pais como abençoados, pois ao migrarem para o Brasil, conseguiram garantir a sobrevivência.

Sabrina: Meus pais adoram o Brasil. Eles falam que se não fosse pelo Brasil, eles não saberiam o que estariam fazendo agora ou se estariam vivos. Eles agradecem imensamente por estarem no Brasil e adoram estar aqui. Depois de curtas estadias no Líbano, sempre se perguntam se já podem voltar para o Brasil – que dois meses no Líbano são suficientes...

O terceiro grande ciclo econômico iguaçuense (1980 – 1995) teve seu enfoque no turismo de compras, particularmente no eixo Foz – Ciudad Del Este – Foz, o que impactou uma ampliação do perfil de visitantes à cidade, que deixou de ser limitada ao turismo de lazer. O comércio próximo à Ponte da Amizade (que conecta Brasil e Paraguai), em ambos os lados da fronteira, foi um chamariz para migrantes de países de língua árabe, que comumente tinham suas residências nos bairros adjacentes à ponte do lado brasileiro (Jardim Jupira e Vila Portes). Os negócios se localizavam tanto nos bairros mencionados quanto na região comercial da cidade vizinha paraguaia, uma vez que o deslocamento diário entre países é facilitado.

No início do terceiro ciclo econômico, em 1983, foi concluída a construção da Mesquita Omar Ibn Al-Khattab, no bairro Jardim Pólo Centro, e esse bairro e seus arredores passaram a acolher muitos migrantes de países árabes e seus descendentes também. Para a

comunidade, a inauguração de uma mesquita para aqueles que professam a fé islâmica da vertente sunita foi uma das grandes marcas do estabelecimento da comunidade em Foz do Iguaçu; a consolidação do objetivo de se ter um espaço para a realização de suas práticas religiosas e sociais.

Com a implantação do Plano Real (1994), houve uma debandada geral de migrantes falantes de árabe, que deixaram Foz do Iguaçu. Isso se deu porque, com a valorização do real perante o dólar estadunidense, a mercadoria brasileira para exportação – principal ramo daqueles que tinham negócios do lado nacional da fronteira – passou a ficar muito cara para paraguaios e argentinos. Houve um desaceleramento da economia local, e mais de 400 pequenos comércios de exportação foram à falência entre 1995 e 2000²³. Os antigos formigueiros humanos se transformaram em verdadeiros “bairros fantasmas” do lado brasileiro da fronteira – em particular, no Jardim Jupira e em alguns pontos da Vila Portes, com diversos prédios abandonados e restando apenas algumas dezenas de lojas desses migrantes, que conseguiram sobreviver.

Com a referida crise, muitos dos descendentes da primeira geração de migrantes de países de língua árabe buscaram seu espaço em profissões liberais, deixando de lado o comércio como principal meio de sustento da família. Diante do exposto, pode-se afirmar que recorrer às atividades comerciais para o próprio sustento é característica predominante das primeiras gerações desses migrantes e, não necessariamente de seus descendentes no Brasil. As novas gerações, seja pelas crises e instabilidades no comércio, seja por interesses individuais, aparentam estar mais abertas para o investimento nas profissões liberais, estabelecendo-se socialmente de forma diferenciada em comparação aos seus ancestrais na cidade de Foz do Iguaçu. Porém, independentemente do caminho profissional que o migrante falante de árabe e seus descendentes escolheram para si, esses foram e tem sido bem-sucedidos em sua integração econômica e social em Foz do Iguaçu, e é justamente essa integração que marca o sucesso do movimento migratório do grupo que ali se estabeleceu.

Um pouco sobre a organização e as práticas sociais

Em 2020, Foz do Iguaçu conta com 258.248 habitantes²⁴. Como é de conhecimento público, Foz é uma cidade internacional e que (con)vive com uma variedade de culturas e

²³ Dados de diário de campo.

²⁴ BRASIL. Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). *Censo de 2020*. Disponível em: <<https://censo2020.ibge.gov.br>>. Acesso em: 24 nov. 2020.

línguas em circulação²⁵. Tal diversidade é percebida em sua paisagem linguística^{26,27} e nas interações sociais. Não é raro ouvir conversas em outras línguas além do Português enquanto se anda no centro da cidade. A presença dos vizinhos hispanofalantes da fronteira, dos turistas de outros países, e também dos migrantes que ali ora se estabeleceram²⁸ proporcionaram àqueles que moram na cidade a possibilidade de vivenciar outros mundos sem sair da cidade, e isso antes mesmo da revolução tecnológica.

Além de ser considerado o grupo de migrantes mais antigo em Foz do Iguaçu (algumas famílias já estão em sua quarta geração), os indivíduos oriundos de países de língua árabe seguem sendo os de maior número na cidade. Estima-se que sejam em torno de 15 a 20 mil pessoas entre os migrantes e seus descendentes, sendo que o Líbano é o país da maioria deles²⁹. É sabido que também há um número considerável de palestinos e, mais recentemente, de sírios, que fugiram da guerra civil que assola o país³⁰. Vale destacar que é muito complexo quantificar e categorizar os habitantes de Foz do Iguaçu devido à dificuldade de se recensear a população – migrante e/ou em geral. A cidade, que tem fronteira com dois outros países, tem duas características que tem sido uma constante há algumas décadas: a grande circulação de pessoas e uma peculiar mobilidade temporária regional. Sendo assim, os poucos registros existentes são imprecisos e/ou não comprovados³¹.

²⁵ Hoje, não se têm dados específicos, mas Foz do Iguaçu já reuniu 20% dos migrantes de todo o Estado do Paraná. Cf. ZAMBERLAN, J.; CORSO, G. (Org.). *Tendências da mobilidade humana nas Três Fronteiras*: realidade migratória na Diocese de Foz do Iguaçu. Porto Alegre: Renascença, 2006.

²⁶ SHOHAMY, E. Linguistic landscape and multilingualism. In: MARTIN-JONES, M. BLACKLEDGE, A.; CREESE, A. (Orgs.). *The Routledge Handbook of Multilingualism*. Londres/Nova York: Routledge, 2012, p. 538-551.

²⁷ MAHER, T. J. M. Ecos de resistência: políticas linguísticas e as línguas minoritárias brasileiras. In: NICOLAIDES *et al.* (Orgs.). *Políticas e políticas linguísticas*. Campinas: Pontes Editores, 2013, p. 117-134.

²⁸ Atualmente, os migrantes de Foz do Iguaçu são provenientes de 90 países diferentes. Dos 40 mil migrantes registrados pela Polícia de Imigração, em torno de 9 mil são libaneses (VIEIRA, 2018, p. 478). Cf. VIEIRA, G. O. Segurança Transfronteiriça e direitos humanos: desafios das migrações na Tríplice Fronteira de Foz do Iguaçu. In: BAENINGER, R.; CANALES, A. (coord.). *Migrações Fronteiriças*. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – NEPO/UNICAMP, p. 475-484, 2018.

²⁹ SILVA, R. C. M. Diverse migration trajectories, diverse linguistic repertoires, local and transnational ties: Arabic speakers in Foz do Iguaçu. In: CAVALCANTI, M. C.; MAHER, T. M. (Orgs.). *Multilingual Brazil: language resources, identities and ideologies in a globalized world*. New York/London: Routledge, 2018, p. 157-168.

³⁰ De acordo com o documento elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA – LIMA, 2017) para esclarecer a atual situação de refúgio no Brasil, das 5.898 solicitações de refúgio recebidas em 2013, sendo os solicitantes oriundos de 78 países diferentes – dentre eles, a Síria – 204 desses pedidos foram para Foz do Iguaçu. Cf. LIMA, J. B. B. *et al.* *Refúgio no Brasil: caracterização dos perfis sociodemográficos dos refugiados (1998-2014)*. Brasília: IPEA, 2017.

³¹ OLIVEIRA, M. S. R. Migrações Asiáticas à Tríplice Fronteira (Argentina, Brasil e Paraguai): reflexões sobre um projeto em andamento. In: BAENINGER, R. *et al.* (Orgs.). *Migrações Sul-Sul*. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – NEPO/UNICAMP, 2018, p.768-775.

Diferentemente do resto do país, Foz do Iguaçu é uma cidade que abrigou, majoritariamente, migrantes falantes de árabe que são de religião ou tradição muçulmana³², traço marcante pelo qual esse grupo é reconhecido na cidade³³. A religião comum, independentemente de sua vertente, funciona, portanto, como um fator de (aparente) unificação da representação desse grupo em seu entorno. Há centros de prática religiosa de três vertentes do islamismo: sunita, xiita e drusa. São espaços para observação de datas festivas e celebrações religiosas, tais como o *Eid El Adha*, *Eid El Fitr* e a *Ashura*, entre outras. Para se ter uma noção da importância do mês sagrado do Ramadã para os muçulmanos locais, estabelecimentos do ramo alimentício costumam sentir o impacto financeiro da ausência dos consumidores muçulmanos durante o dia, em virtude do jejum que os fiéis seguem nesse período de recolhimento³⁴.

Os templos islâmicos também servem tanto como ponto de encontro quanto como um centro para aprendizagem da língua de herança e das culturas da comunidade de falantes de árabe. Além do mais, são ofertadas aulas sobre a religião islâmica, de recitação dos versículos do Alcorão (em especial, para as crianças) e, mais recentemente, Português como Língua Adicional (a partir, por exemplo, de projetos extensionistas em parceria com a Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA).

A religião islâmica é tão presente na cidade que, a partir de projetos de lei de 2013, houve a liberação do uso do véu islâmico em fotos de documentos de identidade no Paraná³⁵ e a criação do Dia do Povo Muçulmano, celebrado em 12 de maio, nas cidades de Foz e São Paulo³⁶. E há, também, um cemitério muçulmano na cidade, no bairro Jardim São Paulo, anexo ao Cemitério Municipal. A área é exclusiva para o enterro de indivíduos que professam a fé islâmica na região, e os falecidos são velados e enterrados seguindo as tradições de origem.

³² Informação proveniente de matéria escrita por Jackson Lima e citada em Rabossi (2007, p. 302). Nesse artigo, especifica-se que, em 1996, aproximadamente 95% dos árabes de Foz do Iguaçu eram muçulmanos, dois quais 5% eram drusos, 40% sunitas e 50% xiitas. Essa informação também foi declarada por um participante da pesquisa da dissertação escrita por: ARRUDA, A. M. T. *A presença libanesa em Foz do Iguaçu (Brasil) e Ciudad Del Este (Paraguai)*. 2007. 100 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília (UnB), 2007. Cf. RABOSSI, F. Árabes e muçulmanos em Foz do Iguaçu e Ciudad del Este: notas para uma re-interpretação. In: SEYFERTH, G. et al. *Mundos em movimento: ensaios sobre migrações*. Santa Maria: UFSM, 2007, p. 287-312.

³³ Até 2018, esteve em funcionamento a Igreja Evangélica Árabe de Foz do Iguaçu.

³⁴ Dados de diário de campo.

³⁵ WURMEISTER, F. Uso do véu islâmico em documento de identidade é liberado no Paraná. *G1*, 9 mai. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2013/05/uso-do-veu-islamico-em-documento-de-identidade-e-liberado-no-parana.html>>. Acesso em: 9 mai. 2013.

³⁶ CÂMARA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU. *Comunidade árabe Iguaçuense ganha Dia Municipal do Povo Muçulmano, que será celebrado em 12 de maio*. 05 jul. 2013. Disponível em: http://www.cmfi.pr.gov.br/noticias_detalhes.php?&ID=MTg5. Acesso em: 09 nov 2018.

Juntamente aos centros religiosos muçulmanos, surgiram entidades beneficentes que tem servido não somente como ponto de apoio e/ou rede de contato da comunidade, mas também como centro responsável por ações de integração desta com o seu entorno. Entre as diversas entidades fundadas pelos árabe-brasileiros de Foz do Iguaçu, destacam-se o Centro Cultural Beneficente Islâmico de Foz do Iguaçu, que publica um jornal periódico sobre as ações comunitárias desta associação há mais de 35 anos³⁷ e a Sociedade Islâmica Beneficente de Foz do Iguaçu.³⁸ Essas entidades, vinculadas às vertentes muçulmanas sunita e xiita, respectivamente, apoiam três outras que têm papel ativo na execução de atividades sociais em prol da cidade: A União das Damas Libanesas de Foz do Iguaçu, a Associação Nossa Senhora de Fátima e o Grupo Escoteiro Líbano-Brasileiro. Além delas, existem outras duas, a saber: Sociedade Árabe-Palestino-Brasileira de Foz do Iguaçu, Associação Cultural Sírio-Brasileira.

Ao mesmo tempo em que Foz do Iguaçu “poliédrica”³⁹ e as instituições relacionadas aos migrantes falantes de árabe são fontes de preservação de memórias e de elementos culturais de herança, são também a base da tentativa de adaptação e integração ao novo contexto social e cultural, em que se deve aprender a (con)viver com o novo, enquanto se constrói o sentimento de pertença e de viver bem no *entrelugar*⁴⁰. Mais do que um deslocamento, o movimento migratório é um processo de busca de si mesmo, de reconstrução de crenças, de costumes, e de vida.

Apesar de o Brasil não ter uma política linguística oficial para a transmissão e manutenção das línguas de imigrantes, pode-se dizer que Foz do Iguaçu é uma cidade privilegiada nesse sentido, principalmente quando se considera as políticas linguísticas locais, em nível comunitário. No âmbito educacional, além das aulas de língua árabe ofertadas nos recintos religiosos e centros de línguas da cidade, há duas escolas de Educação Básica que merecem especial destaque: a Escola Libanesa Brasileira e o Colégio Árabe-Brasileiro (antiga Escola Árabe-Brasileira Ali Bin Taleb). Ambas são regulamentadas pelo Ministério da Educação e Cultura do Brasil, e são consideradas motivo de orgulho para a comunidade de falantes de árabe de Foz do Iguaçu. A língua de escolarização é o português e o enfoque não está no ensino de conteúdo curricular em árabe – apenas no estudo da língua árabe, que é oferecido por ambas as instituições com um número significativo de horas-aula

³⁷ Para a versão on-line do periódico *O Islam*, conferir <http://www.islam.com.br/>.

³⁸ Cf. <http://www.islamfoz.com.br/sbi/>.

³⁹ OLIVEIRA, N. R. O. *Foz do Iguaçu intercultural: cotidiano e narrativa da alteridade*. Foz do Iguaçu: 2012.

⁴⁰ BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

(geralmente entre duas e quatro horas-aula por semana, além de aulas de reforço e de outras línguas adicionais, como o inglês e o espanhol). Essas escolas oferecem, também, em caráter opcional, uma ou duas horas-aula semanais sobre a religião islâmica, levando em conta a vertente observada pela escola e o fato de que nem todos os estudantes são de famílias muçulmanas⁴¹.

Sem dúvida, a oferta das aulas de língua árabe é uma iniciativa importante para oportunizar a transmissão e a manutenção do uso da língua de herança pelas gerações futuras. É sabido que o fortalecimento de línguas de herança está diretamente relacionado à transmissão intergeracional e ao seu uso por meio de políticas de planejamento em nível micro, com iniciativas e estratégias implementadas a partir de um plano cuidadoso em contexto familiar e comunitário. Sendo ambos o contexto familiar e a comunidade em que a família está inserida cruciais para a transmissão e o uso das línguas de imigrantes, Nesteruk⁴² e Pauwels⁴³ afirmam que o planejamento de políticas linguísticas⁴⁴ familiares e comunitárias é fator de suma importância quando se pensa no possível sucesso do ensino, da aprendizagem e do uso efetivo das línguas de herança em contexto em que estas não são a língua da maioria. Tanto essas escolas quanto os outros contextos especificados são iniciativas válidas e importantíssimas para aqueles que pretendem manter a língua de origem na família, e que também privilegiam o estabelecimento de uma rede social e de contatos que promova tal interação.

Como pode ser notado, além da relevância incontestável da religião muçulmana e da língua árabe na cidade de Foz do Iguaçu, os migrantes falantes de árabe e seus descendentes construíram uma rede de apoio forte e diversificada nesses quase 70 anos que marcam a chegada do primeiro migrante libanês na cidade. Dada a representatividade da “colônia árabe-iguaçuense”, tornou-se comum encontrar pela cidade ambientes e materiais em que a língua árabe escrita ou falada esteja em uso. Não é difícil encontrar comunicados

⁴¹ Dados do diário de campo. Sociedade Árabe de Beneficência – SABEN, 2016.

⁴² NESTERUK, O. Heritage language maintenance and loss among the children of Eastern European immigrants in the US. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, v. 34, n. 3, p. 271-286, maio 2010.

⁴³ PAUWELS, A. Maintaining the community language in Australia: challenges and roles for the families. *The International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, v. 8, n. 2, p. 124-131, 2005.

⁴⁴ É importante esclarecer que não estou fazendo uma distinção entre *política linguística* e *planejamento linguístico* neste trabalho, conforme postulado por Maher (2010). Segundo a pesquisadora, "a determinação de planos para se modificar usos e/ou estruturas linguísticas [*políticas linguísticas*] não pode se constituir apenas em meras *cartas de intenção*, mas tem que, necessariamente, também contemplar, já no seu bojo, modos factíveis de promover as mudanças desejadas [*planejamento linguístico*] (MAHER, 2010, p. 45). Cf. MAHER, T. J. M. Políticas linguísticas e políticas de identidade: currículo e representações de professores indígenas na Amazônia Ocidental Brasileira. *Currículo sem Fronteiras*, v. 10, n. 1, p. 33-48, jan./jun. 2010.

em árabe em condomínios e outros locais de grande circulação de falantes dessa língua, bem como cartões de visita ou convites bilíngues árabe-português. Pode-se afirmar, inclusive, que a cidade de Foz do Iguaçu é caracterizada por um *multilinguismo de resistência*⁴⁵, e isso se deve ao fato de que existem algumas ações locais de transmissão e manutenção da língua árabe na sociedade iguaçuense; ações que passam por aulas de árabe, claro, mas também por intervenções abertas na cidade a partir placas de trânsito e direções, banners e outdoors, material de divulgação de eventos e comércios da e para a comunidade de falantes de árabe, entre outras iniciativas de valorização da língua árabe na paisagem linguística da cidade. Nessa comunidade, percebe-se que a língua árabe, além de ser uma “marca” de identidade, é também local “de resistência, empoderamento, solidariedade ou discriminação”⁴⁶.

Por fim, é importante retomar e ressaltar o que é observado por Silva⁴⁷ sobre a suposta homogeneidade da comunidade de falantes de árabe. Além da divisão interna em termos religiosos e linguísticos (variedades linguísticas), há uma separação embasada no conceito de identidade nacional, ou seja, de identidades constituídas com base na ideia de Estado-nação. Internamente, a comunidade distingue seus membros pelo país de origem ou ascendência: de acordo com a pesquisadora, no dia a dia são usados termos que indicam a nacionalidade de cada um – o Fulano Palestino, o Sicrano Libanês, o Beltrano Sírio. Porém, tal divisão não costuma ser percebida pelo Outro da comunidade não falante de árabe, uma vez que é mascarada pela visão generalizada dos “árabes” migrantes em Foz do Iguaçu como pertencentes a uma comunidade homogênea.

A aparente homogeneidade pela qual são reconhecidos em suas práticas na construção de significações com o Outro pode ser posta em xeque ao se observar mais atentamente as representações constituídas e posicionamentos realizados por meio do discurso e das interações. É fundamental destacar que a projeção de uma identidade de grupo unificada esconde divisões internas pautadas, por vezes, naquilo que pode ser equivocadamente considerada uma marca “essencial” de uma identidade dos falantes de árabe vislumbrada como unívoca e fixa, conforme já examinado por Silva, mas que não corresponde à realidade diversificada desse grupo em Foz do Iguaçu.

⁴⁵ MAHER, T. J. M. Ecos de resistência: políticas linguísticas e as línguas minoritárias brasileiras. In: NICOLAIDES *et al.* (Orgs.). *Políticas e políticas linguísticas*. Campinas: Pontes Editores, 2013, p. 117-134.

⁴⁶ PAVLENKO, A.; BLACKLEDGE, A. (Eds.). *Negotiation of identities in multilingual settings*. Bristol: Multilingual Matters, 2004.

⁴⁷ SILVA, R. C. M. Diverse migration trajectories, diverse linguistic repertoires, local and transnational ties: Arabic speakers in Foz do Iguaçu. In: CAVALCANTI, M. C.; MAHER, T. M. (Orgs.). *Multilingual Brazil: language resources, identities and ideologies in a globalized world*. New York/London: Routledge, 2018, p. 157-168.

Considerações finais

Neste artigo, apresentei aspectos históricos e sociais da chegada e do estabelecimento de migrantes falantes de árabe na cidade de Foz do Iguaçu a partir da descrição de fatos históricos e sociais atrelados a trechos de narrativas em que os participantes da pesquisa compartilhavam suas histórias e suas percepções acerca do movimento diaspórico familiar. Ao analisar as representações expressas por esses sujeitos sobre o empreendimento migratório e suas relações com ele, pode-se notar similaridades entre os deslocamentos de migrantes falantes de árabe para Foz do Iguaçu com relação a outras localidades do país, como: (1) o fato de ser um contexto inicialmente masculino e solitário, (2) a motivação ser econômica ou por sobrevivência à situação de guerra; (3) o início da jornada como mascates e o estabelecimento como proprietários de comércios na interiorização do país; (4) o valor dado por esse grupo à família e à preservação das tradições da origem; (5) o início solitário, sofrido do empreendimento migratório, entre outros aspectos. Pode-se afirmar que o que foi descrito, especialmente na parte histórica, assemelha-se grandemente com o que foi retratado por pesquisadores como Hajjar⁴⁸, Karam⁴⁹, Mirhan⁵⁰, Osman⁵¹, Truzzi⁵², entre outros, que estudaram a migração de falantes de árabe em outras partes do Brasil. Com relação às particularidades do movimento migratório para Foz do Iguaçu, destacam-se: (1) a presença majoritária de muçulmanos; (2) o espaço para profissão da fé religiosa; (3) a vinculação do deslocamento mais frequente aos ápices dos ciclos de desenvolvimento econômico da região; e (4) uma rede de apoio forte e consolidada, em especial a partir da década de 1980.

Nesse sentido, é importante enfatizar que a presença de instituições que promovem vivências das culturas dos países de fala árabe contribui positivamente para a construção do

⁴⁸ HAJJAR, C. F. *Imigração árabe: 100 anos de reflexão*. São Paulo: Ícone, 1985.

⁴⁹ KARAM, J. T. *Um outro arabesco: etnicidade sírio-libanesa no Brasil neoliberal*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

⁵⁰ MIRHAN, L. (Org.). *Justiça, paz e liberdade para o povo palestino*. São Paulo: Fundação Maurício Grabois; Anita Garibaldi, 2012.

⁵¹ OSMAN, S. A. *Entre o Líbano e o Brasil: dinâmica migratória e história oral de vida*. 2006. 555 f. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo (USP), 2006.

OSMAN, S. A. *Imigração árabe no Brasil: histórias de vida de libaneses muçulmanos e cristãos*. São Paulo: Xamã, 2011.

⁵² TRUZZI, O. M. S. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. 1993. 273 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 1993.

TRUZZI, O. M. S. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1997.

TRUZZI, O. M. S. Etnias em convívio: o bairro Bom Retiro em São Paulo. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 143-166, 2001.

sentido de pertença, especialmente no momento inicial do processo de reterritorialização, além de essas instituições se tornarem referências para o estabelecimento das famílias na cidade e no Brasil, uma vez que também disponibilizam informações necessárias para recém-chegados. O sustento dessas instituições foi fundamental na construção e no fortalecimento deste grupo em uma cidade internacional como Foz do Iguaçu, bem como na preservação das memórias do movimento migratório e da língua árabe, reforçadas com a grande visibilidade das manifestações linguísticas e culturais na paisagem de Foz do Iguaçu.

Levando-se em conta as representações acerca da imagem do empreendimento migratório Países de Língua Árabe – Brasil expressas pelos participantes desta pesquisa, acredito que essas se estendem a todos os grupos de migrantes, principalmente àqueles que foram obrigados a deixar seus países, seja por perseguição ou por dificuldades financeiras. O movimento migratório dos falantes de árabe foi descrito, inicialmente, como sofrido, perpassado por dificuldades e sacrifícios, e sem incentivo financeiro de nenhuma das partes (governos de países de língua árabe ou brasileiro). Apesar do medo, dos entraves, da solidão, esses migrantes conseguiram se superar e superar as barreiras (da comunicação em língua portuguesa, dos distintos aspectos culturais brasileiros, das privações financeiras, das dificuldades de inserção e integração social, apenas para citar algumas), transformando os reveses em oportunidades de reconstrução de suas vidas. Assim, a imagem por eles retratada do indivíduo de postura combatente, condutor bem-sucedido do empreendimento migratório, traz consigo a tão necessária resiliência como fator fundamental no estabelecimento no novo país.

Recebido em 12 de junho de 2020
Aceito em 26 de janeiro de 2021